

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de julho de 2017

GT 25 - Cultura, Crítica e Democratização

Título do trabalho: Estruturas de sentimento: um modo de refletir e conhecer as sociedades

Eliane Veras Soares - Universidade Federal de Pernambuco

Estruturas de sentimento: um modo de refletir e conhecer as sociedades

Recentemente venho refletindo em torno da possibilidade de construir uma hipótese cultural, no sentido proposto por Raymond Williams, tendo em vista o processo de construção da nação em Moçambique tomando como pontos de referência a literatura, as ciências sociais e o movimento de mulheres. Esbocei três momentos deste processo nomeando cada um deles como uma estrutura de sentimento particular - a estrutura de sentimento utópico-nacionalista-negritundista, a estrutura de sentimento nacionalista-coletivista, a estrutura de sentimento distópica e da diversidade. Nesta apresentação procuro a consolidação de traços característicos de uma estrutura de sentimento mais abrangente capaz de incorporar os diversos momentos, continuidades e rupturas deste processo. Em que medida estas três estruturas de sentimento podem configurar como uma unidade constituída de diversidades? Se assim for, quais seriam os elementos dominantes, os elementos residuais e os elementos emergentes de cada uma delas, ou de cada momento de manifestação desta estrutura? De que modo a trajetória das ciências sociais e do movimento de mulheres se articula com tais estruturas de sentimento?

I - A proposta

A análise que apresento a seguir sobre Moçambique não está isenta de elementos da extravessão denunciados por Houtondji (1989), entretanto considero que ela pode ser um exemplo de tentativa de produção de conhecimento a partir um artesanato intelectual que considere a pluralidade de vozes e olhares em interlocução com outros processos de construção de conhecimento.

Nesta perspectiva, em minha pesquisas tenho dado ênfase aos olhares produzidos pela literatura, pelo pensamento social e pelos movimentos e protestos sociais, buscando articulá-los como um modo de melhor apreender a formação social de Moçambique na contemporaneidade. Parto do pressuposto de que a literatura, mais do que o pensamento social e as ciências sociais produzidas em Moçambique, oferecem narrativas que, a seu modo, questionam o passado colonial, desafiam o projeto oficial de construção nacional da Frelimo, e interrogam a sociedade que vem se desenhando no pós-

independência. Questiono também se o surgimento de movimentos sociais - tomando como referência de análise o movimento de mulheres - relativamente autônomos em relação ao Partido Frelimo, teria criado espaços para a construção de narrativas alternativas àquela colocada em vigência pelo Estado. Tento, assim, elaborar uma hipótese cultural, ao analisar aproximações entre estes três campos particulares bem como reconhecer diferenças neles contidas em relação ao processo de formação nacional em Moçambique, com ênfase no período pós-Independência. Para tanto utilizo como *corpus* de análise entrevistas realizadas com atoras e atores que participaram em diferentes níveis de atuação nos campos da produção do conhecimento sobre a literatura, do pensamento social e dos movimentos sociais naquele país.

Para articular estes três processos e elaborar uma hipótese cultural em torno da construção de uma identidade moçambicana, faço uso da sugestiva noção de estrutura de sentimentos, proposta por Raymond Williams (1979), compreendida como um modo estruturado de se estar no mundo, que inclui comportamentos, valores, atitudes, justificações etc. Não se deve confundir estrutura de sentimentos com cosmovisão ou visão de mundo, ou mesmo ideologia, uma vez que estas últimas se conformam para o pesquisador *a posteriori*, isto é, elas remetem a processos sociais que já se cristalizaram, se institucionalizaram. Enquanto isso, a noção de estrutura de sentimentos pode remeter ainda à elaboração daquilo que o autor nomeia “hipótese cultural”. Há nela uma pretensão de totalidade, no sentido de conectar algo que está difuso na sociedade, mas, principalmente, está presente no desafio de compreender processos de mudança social, *in flux*, ainda não institucionalizados, sem forma definida, que se produzem permanentemente em situação de disputa por hegemonia. Argumenta o autor que esta estrutura pode ser mais facilmente percebida na arte, em particular, na literatura. Isso porque a literatura nomeia, narra, cria situações, extrapola as fronteiras, desenvolve-se na linguagem, serve-se da ambiguidade, namora com o oblíquo, dança com o não-dito, afirma negando, nega sem rasurar vestígios... Condições estas que favorecem à pesquisadora atenta a percepção daquilo que Williams denomina “elementos emergentes”, o novo, a partir do qual se pode perceber rumos das mudanças nos processos sociais, e que coexistem com os elementos hegemônicos e os elementos residuais (WILLIAMS, 1979).

Neste artigo parto da formação da literatura moçambicana para as ciências sociais e daí para os movimentos sociais a fim de, no decorrer na análise, indicar os elementos que me parecem, no momento, se configurar como uma estrutura de sentimentos.

II - Da literatura

A sociedade moçambicana, como outras sociedades pós-coloniais forjadas no “colonialismo tardio”, passou nos últimos 50 anos por sucessivos processos de mudanças radicais. De uma sociedade colonial, sob o domínio de Portugal até 1975, adquiriu, após mais de uma década de luta, o *status* de Estado independente, tentando substituir a condição de subordinação colonial por um socialismo de estado em condições extremamente adversas - considerando-se, por exemplo, no plano político global o contexto ainda vigente da Guerra Fria até 1989; a política violenta do *Apartheid* no plano regional, sob a custódia dos governos da África do Sul e da Rodésia, até 1994; e, ainda, os conflitos no próprio território nacional, as dificuldades de se forjar uma nação sem o reconhecimento necessário da diversidade que a constitui, concebendo esta diversidade, antes, como um empecilho à necessária unidade nacional e símbolo do atraso que se tentava superar. Continuando o ciclo de mudanças, o fracasso do socialismo de estado, ao lado das consequências nefastas da “Guerra de 16 Anos” (1976-1992), levou rapidamente o país a aderir ao neoliberalismo na segunda metade dos anos 1980. Choques e rupturas acumulados em curtíssimo espaço de tempo histórico produziram marcas contundentes na formação da jovem nação moçambicana. Tais marcas foram incorporadas e elaboradas de modos diversos na literatura, nas ciências sociais e nos movimentos sociais.

Dito isso, tentaremos a seguir configurar a existência de uma estrutura de sentimentos a partir da análise do processo de formação da literatura em Moçambique. Francisco Noa (2014) e Fátima Mendonça (2011, 2012) destacam nos primórdios da literatura moçambicana a geração de João Albasini e José Albasin, n’*O Brado Africano*, situada nas primeiras décadas do Século XX, marcada por uma escrita de carácter denunciatório e ao mesmo tempo propositivo, cujo selo é a defesa da cidadania, ainda não tendo se

configurado qualquer ideal nacional ou de independência, o foco daquela produção jornalística visava, principalmente, a universalização da instrução pública como instrumento primeiro de construção de cidadania, negação das “castas” e de outras divisões então prevalecentes. Os jornalistas-escritores ou poetas-jornalistas estavam ligados, ao mesmo tempo, ao cânone ocidental, mas também às línguas e aos modos de vida locais. As análises sobre este período, dão destaque ao caráter culturalmente mestiço daquelas elites intelectuais, muitos de seus representantes eram filhos de pais europeus e mães africanas. Neles, a experiência concreta da vida teria favorecido o desenvolvimento de uma “escrita mestiça”, fortemente marcada pela ambiguidade e por uma intensa crise identitária. De um lado, os valores da formação educacional europeia, de outro, os valores e vivências de culturas maternas locais, africanas. Este estado permanente de conflito teria trazido dramaticidade, intensidade e originalidade estética já nos primórdios desta literatura. Em resumo, ela foi produzida na língua do colonizador, influenciada por seus valores, manifestando-se sob o signo da ambiguidade e do conflito, decorrente da condição colonial e mestiça, com pendor para denúncia das injustiças, mas ainda sem a coloração do elemento nacional, que surgirá de forma evidente na geração dos anos 1940.

Para estes estudiosos da literatura moçambicana (NOA, 2014; MENDONÇA, 2011,2012), o “edifício de uma poesia moçambicana” revela a sua arquitetura e linhas próprias nos anos 1940 com a geração de Noémia de Sousa, José Craveirinha e Orlando Mendes. Neles a questão da mestiçagem (Noémia), da negritude (Craveirinha) e a projeção da nação e da moçambicanidade constituem o motor de um projeto estético, político e cultural. Chega-se assim a alguns elementos de uma estrutura de sentimento utópico-nacionalista-negritundista que se manifesta no período que antecede a luta de libertação nacional e que se manifestará também no pós-independência: o surgimento de um realismo nacionalista e africano, moçambicano, ao lado de um projeto utópico (NOA, 2014).

Para Francisco Noa e Fátima Mendonça, essa literatura expressa o que os seus poetas consideram elementos da africanidade, “o ser africano”. Aquilo que antes se apresentava em conflito com o “ser europeu” passa a ser uma

força centrífuga, forjada na mitologia, na cosmogonia, na oralidade e, principalmente, na experiência. Nos anos 1960, a esta experiência de cor local - que já incorporara experiências estéticas do neorrealismo, dos modernismos, do futurismo - passará pela influência da revolução política e cultural que caracterizou aquela década. Para Noa, esta literatura que nasceu com alto grau de maturidade estética, cultural, política e ideológica, tem como elemento transversal o tema da nação livre e independente. Uma referência fundamental desta geração foi José Craveirinha, considerado o poeta por excelência da moçambicanidade, o cidadão de uma nação que ainda não existia, mas era narrada em seus versos.

Durante a luta armada de libertação nacional (1964-1974) e, com grande vigor, no pós-independência (a partir de 1975), ganha voz e eco a chamada poesia de combate, caracterizada pelo apelo ao heroísmo dos combatentes e pela radicalização de novos elementos, oriundos de uma concepção de socialismo, unidade e homogeneidade nacional, que deveriam ser erigidos a partir do ideal do Homem Novo e da necessidade de “matar a tribo para fazer nascer a nação”. Uma estrutura de sentimento nacionalista-coletivista se conforma limitando, ou buscando limitar, os sentidos anteriormente presentes de africanidade, típica do momento anterior em que havia emergido uma estrutura de sentimento utópico-nacionalista-negritundista.

É interessante notar que, nos anos 1980, a poesia de Craveirinha, antes portadora de uma utopia, voltará à cena carregada de crítica distópica que enfatiza limites, abusos e tensões do pós-independência. Nesta mesma toada surgem novos movimentos literários, como o chamada Geração Charrua, que unia a irreverência de Craveirinha, a qualidade estética e a diversidade temática e de estilos e tendências presentes na literatura moçambicana, à semelhança da geração da revista *Itinerário*, publicada nos anos 1940 (NOA, 2014).

A geração de escritores que emergiu nos anos 1980 percorreu várias trilhas. As questões da nação e da memória, da utopia e da distopia, do passado e do futuro, e em especial da diversidade étnica, racial e cultural em contraposição à uniformização proposta pelo estado no pós-independência

aparecerá com força em alguns autores. A nação continua a ser narrada sob diferentes perspectivas e miradas. Este momento corresponde à travessia e ao fim da “Guerra de 16 Anos”, à assunção da política neoliberal, à reforma constitucional de 1990, à presença do multipartidarismo, à chegada dos organismos internacionais de cooperação e ajuda, à proliferação das ONGs etc. A partir do final dos anos 1980, é possível perceber os primeiros sinais de reação da literatura de modos distintos à situação de perplexidade que se instaurou nos 10 primeiros anos da Independência, nos quais os ideais sonhados tornaram-se pesadelo para maior parte das pessoas, grupos e classes sociais.

A partir da primeira década do Século XXI, a literatura moçambicana já está plenamente “aberta” do ponto de vista temático, ela aponta para muitas direções. A questão identitária e o desafio da nação permanecem, mas, agora, com nova roupagem e novos questionamentos, dado que o caminho percorrido não havia aparentemente levado a uma solução satisfatória, como aquela imaginada por Craveirinha. Paralelamente outras linhas se desenham, a literatura ganha temáticas transnacionais, a vertente intimista, que sempre existiu, torna-se mais evidente. Noa e Mendonça referem-se a este momento como momento da “afirmação das subjetividades e das opções estéticas diversificadas”, bem ao sabor dos tempos neoliberais e individualizantes, acrescento.

Dito isso, proponho uma primeira elaboração de uma estrutura de sentimento que começa a se desenvolver nos anos 1940, a estrutura de sentimento utópico-nacionalista-negritundista, em que destacam o sentimento de nação, de moçambicanidade. As tensões que se estabelecem aqui, ao contrário do momento anterior, residem no interior da ideia de moçambicanidade: ela é negritundista, mas de que modos a mestiçagem era percebida neste contexto dado que muitos dos escritores eram culturalmente mestiços? Ela apela para visibilidade da diversidade cultural, étnica, mas até que ponto ela também homogeneizante, dado o caráter predominante do elemento nacional? Esta mesma estrutura que irá se afirmar nos anos 1950-1960, será afetada na década de 1970 a meados dos anos 1980 pela radicalização de novos elementos, constituindo uma estrutura de sentimento

nacionalista-coletivista, focada no socialismo, na unidade nacional, no ideal do Homem Novo e da necessidade de “matar a tribo para fazer nascer a nação”. A partir dos anos 1990 esta dimensão "concentraciônica do nacional" (NOA, 2014), passará a ser questionada e relativizada por uma estrutura de sentimento distópica e da diversidade que, ao mesmo tempo em que estabelece elementos de continuidade com a estrutura de sentimento utópico-nacionalista-negritundista, está muito distante de ser a sua reprodução. Aqui o pendor utópico se transforma em distópico, a diversidade temática presente nos primeiros momentos daquela literatura volta à cena, mas o contexto é diverso e sujeito a novos problemas.

A análise feita até aqui sugere que estes três momentos poderiam ser tomados como uma configuração de caráter dinâmico de uma estrutura de sentimentos em aberto. Assim, uma vez percebida, a partir da literatura, a existência de uma estrutura de sentimentos em que três momentos se destacam com o surgimento de novos elementos e a preservação de elementos anteriores, analisaremos de que modo nos dois últimos momentos - que caracterizam o período em que tem início o socialismo de estado e, posteriormente, o período neoliberal – as ciências sociais e o movimento de mulheres em Moçambique se inserem neste contexto.

III - Do pensamento social/das ciências sociais / do Centro de Estudos Africanos

O desenvolvimento das ciências sociais em Moçambique se dá no pós-Independência e tem a sua institucionalização no Centro de Estudos Africanos, criado em 1976, sob a direção de Aquino de Bragança. Sua função era produzir conhecimento sobre a sociedade moçambicana a partir da realização de pesquisa empírica, fundamentada no método dialético. O Centro deveria atender necessariamente às demandas vindas do Estado para subsidiar ações e políticas que estavam a ser implantadas. As transformações vividas no CEA tem conexão direta com as transformações políticas relacionadas ao fim da era do socialismo de estado e à ascensão do período neoliberal, fortemente induzido pelas exigências de contrapartida impostas pelo FMI e outras instâncias de governança supranacional.

O Centro de Estudos Africanos teria se constituído no bojo da estrutura de sentimento nacionalista-coletivista, e é possível perceber que algumas características desta estrutura tiveram uma sobrevida ainda mais significativa aqui do que na literatura, em especial, no que se refere à sobrevivência da poesia revolucionária dos anos 1970. A literatura, quando comparada às ciências sociais, antecipou, por exemplo, a crítica à concepção excessivamente unificadora e homogeneizante da identidade nacional imposta pela Frelimo. A ideologia do Homem Novo, por exemplo, será colocada em causa em primeiro plano no universo literário.

Uma característica marcante dos primeiros anos do CEA foi a presença ativa de intelectuais, pesquisadores e militantes políticos provenientes de diversas partes do mundo, os chamados cooperantes, internacionalistas, exilados e outras categorias próprias do momento. Conhecimento e política andavam, pois, de mãos dadas. Mas nem tanto, uma vez que muitos relatórios de pesquisa produzidos foram engavetados pelas autoridades governamentais que os solicitaram.

Alguns aspectos da trajetória do CEA são particularmente importantes. A experiência concreta da pesquisa empírica, a ênfase nos métodos e técnicas de investigação, a busca de conhecimento concreto sobre a realidade, e a experiência do fazer coletivo certamente contribuíram para dar uma forma bastante sólida às ciências sociais que lá se elaborava. Aqui é possível perceber em tintas fortes o engajamento no trabalho coletivo de construção do conhecimento e da nação.

A partir do final dos anos 1980 e início dos 1990 começam a surgir no campo das ciências sociais elementos da estrutura de sentimento distópica e da diversidade. Este período corresponde à formação de quadros no exterior, mediante a realização de mestrados e doutoramentos, mas também ao financiamento de pesquisas por agências internacionais. É emblemático o cruzamento da história de vida de Isabel Casimiro, por exemplo, com o CEA e com os movimentos sociais. Seus primeiros estudos sobre a participação da mulher na luta armada foram resultado de uma sugestão de Aquino de Bragança. Em 1987, Casimiro recebeu uma bolsa da Fundação Ford e foi

estudar com Kate Young na Inglaterra, ao retornar criou o Núcleo de Estudos da Mulher no CEA e passou a envolver-se cada vez mais com os movimentos de mulheres.

IV - Dos movimentos de mulheres

No pós-Independência o discurso da igualdade esbarrou na desigualdade de gênero cultural e socialmente consolidada. O movimento de massa das mulheres moçambicanas, ligado ao movimento de libertação, se institucionalizou e burocratizou-se na OMM (Organização da Mulher Moçambicana), atrelada à política oficial do partido Frelimo. Na década de 1990, ao lado do *boom* das associações, ocorreu também uma ampla mobilização em torno da Conferência de Beijing (1995). Neste contexto efervescente um novo discurso sobre igualdade de gênero, empoderamento da mulheres etc. passou a ser articulado, resultando, em 1993, na criação do Fórum Mulher.

Sobre as características da formação dos novos movimentos de mulheres em Moçambique, para além da OMM, segundo Graça Samo, obteve fôlego graças a confluência de dois fatores, mencionados na tese defendida por Isabel Casimiro (2014):

[Uma] que é o interesse em dar cobertura à necessidade que a cooperação internacional tinha de ter parceiros para incrementar seus projetos, portanto, como mecanismo de executar o fundo do doador. [Outra] é impulsionado pela fraqueza que se começa sentir nas instituições do Estado. A massa trabalhadora da máquina estatal, com problema de salários baixos e questões motivacionais, muitos começam a encontrar, na criação dessas associações, uma alternativa para aumentar a sua renda. Então, essa sociedade civil tem uma gênese muito particular, que é também determinada por essas dinâmicas e não, necessariamente, dos grupos que se unem e se mobilizam para atacar um determinado problema (SAMO, 2011, p. 2-30).

Este excerto da entrevista sugere uma passagem daquela estrutura de sentimento nacionalista-coletivista para uma estrutura de sentimento distópica e da diversidade. Isto é, o primeiro momento caracterizado pelo protagonismo da Organização das Mulheres Moçambicanas, vinculado à Frelimo e à luta de libertação nacional; e o segundo momento marcado pela criação do Fórum Mulher, constituído por uma multiplicidade de organizações de mulheres e sustentado a partir do financiamento de projetos via agências internacionais. Entretanto, no caso do Fórum Mulher, a dimensão da diversidade parece enfrentar uma complexidade que precisa ser refletida. Em linhas gerais, o discurso feminista coloca-se de certa forma como um discurso globalizante. Apesar da diversidade ser uma das principais bandeiras de diversas perspectivas feministas, o gênero se constitui como uma categoria permeada por uma tensão que é resultado do processo de dominação patriarcal, para utilizar aqui um referencial clássico. De qual de diversidade se trata aqui? Da diversidade e fluidez do gênero? Da diversidade cultural presente naquela sociedade, que ao mesmo tempo pode ser vista até um certo ponto como um dos pilares da dominação patriarcal? No limite, a crítica a tais comportamentos tradicionais não levaria a uma afinidade eletiva com a ideologia do Homem Novo, segundo a qual seria necessário matar a tribo para fazer nascer a nação? Uma sociedade, encarnada na consciência de uma “nova mulher” empoderada poderia ser vista como portadora do “tribicídio”?

Graça Samo considera a questão cultural como um dos maiores desafios enfrentado pelo movimento de mulheres em Moçambique. Argumenta, por exemplo, que a presença significativa de mulheres no parlamento moçambicano (40%) não se traduz em políticas públicas favoráveis à igualdade de gênero ou ao empoderamento das mulheres:

Muitas dessas mulheres saíram de casa, de suas comunidades e foram colocadas no parlamento simplesmente porque foram as mobilizadoras no processo de campanha eleitoral. [...]. É nossa cultura, é essa mesma cultura que serve de entrada para que a agenda

dos direitos possa se transpor e fazer-se valer. Mas o que elas conhecem é a cultura, o discurso que estão habituadas a ouvir. É o que ouviram em toda sua vida. A perspectiva dos direitos humanos é também muito questionável para elas. É algo que está no papel, mas a vida prática é outra realidade. Então como realmente trabalhar estas questões todas? Esse tem sido nosso desafio. O que significa trabalhar os direitos das mulheres? O que significa essa igualdade de gênero? O que é feminismo? O Fórum Mulher era uma organização que não se aceitava como organização feminista. Ela se dizia organização que trabalha gênero, mas que gênero é esse? Há muitos gêneros ... (SAMO, 2011, p 6-7).

A questão da identidade apresenta-se como central para a luta e para a reflexão realizada pelo FORUM MULHER. O trabalho político de formação que se pretende realizar requer um questionamento identitário: quem eu sou e quem são as mulheres moçambicanas, as mulheres africanas, as mulheres do mundo? A questão nacional aparentemente não se coloca de modo direto, mas de forma oblíqua quando as próprias mulheres se reconhecem como pertencentes a determinados grupos étnicos, sociais e territoriais, as do campo e as da cidade, as do campo que vivem nas cidades e seus subúrbios; as do norte, as do centro e as dos sul etc.

V- Questões para reflexão

Procurei neste artigo argumentar em torno da possibilidade de construir uma hipótese cultural tendo em vista o processo de construção da nação em Moçambique tomando como pontos de referência a literatura, as ciências sociais e o movimento de mulheres. Afirmei em princípio que a literatura seria o campo mais fértil para identificar tais elementos. Esbocei três momentos deste processo nomeando cada um deles como uma estrutura de sentimento particular - a estrutura de sentimento utópico-nacionalista-negritundista, a estrutura de sentimento nacionalista-coletivista, a estrutura de sentimento distópica e da diversidade. Algumas questões veem à superfície. Em que

medida estas três estruturas de sentimento podem se configurar como uma unidade constituída de diversidades? Se assim for, quais seriam os elementos dominantes, os elementos residuais e os elementos emergentes de cada uma delas, ou de cada momento de manifestação desta estrutura? De que modo a trajetória das ciências sociais e do movimento de mulheres se articula com tais estruturas de sentimento?

O quadro abaixo é revelador de alguns destes cruzamentos.

ESTRUTURAS DE SENTIMENTOS MOMENTOS DECISIVOS	PROCESSOS HISTÓRICOS	LITERATURA	CIÊNCIAS SOCIAIS	MOVIMENTOS DE MULHERES
<p>UTÓPICO NACIONALISTA NEGRITUDISTA (Anos 1940 - 1960)</p>	<p>Difusão de ideais nacionalistas Fundação da Frente de Libertação da Nacional – Frelimo (1963) Início da Luta de Libertação Nacional (1964)</p>	<p>Moçambicanidade Mestiçagem Negritudismo Utopia nacional Realismo moçambicano Descoberta de Moçambique Poesia</p>	<p>Período colonial Ausência das ciências sociais na Universidade Presença do modelo metropolitano de Universidade Visão colonial da sociedade moçambicana</p>	<p>Participação efetiva das mulheres na luta de libertação nacional</p>
<p>NACIONALISTA-COLETIVISTA (Anos 1970-1980)</p>	<p>Avanço da Luta de Libertação Nacional Independência de Moçambique (1975) Formação do Estado Socialista Início da Guerra de 16 Anos (1976)</p>	<p>Poesia de combate Idealização do "Homem Novo" Valores revolucionários Valores coletivistas Construção da nação</p>	<p>Criação do CEA Realização da pesquisa a partir do método dialético Ênfase na pesquisa empírica Demandas do Estado Presença de cooperantes e internacionalistas Formação de pesquisadores em países do bloco socialista Pesquisa coletiva</p>	<p>Organização da Mulher Moçambicana – OMM Reforço da política do Estado Socialista Valores coletivistas Construção da nação e da nova sociedade moçambicana</p>
<p>DISTÓPICA E DA DIVERSIDADE (Anos 1990-2010)</p>	<p>Submissão de Moçambique aos acordos com FMI e Banco Mundial (1987) Pluripartidarismo (1990) Acordo de Paz (1992) Nova Constituição (2004) Adoção do neoliberalismo</p>	<p>Distopia Crítica do projeto nacional Releitura da história Pluralidade temática Diversidade cultural, gênero, cotidiano, subúrbio Prosa</p>	<p>Formação de pesquisadores em países europeus não socialistas Adoção de agenda de organismos internacionais como a UNESCO Ênfase nas consultorias individuais Pluralismo temático Diversidade cultural</p>	<p>Fórum Mulher Articulação entre diversos movimentos de mulheres Financiamento de organismo internacionais Temáticas locais marcadas pela influência teórica e metodológica oriunda das agências de fomento Encruzilhada cultural</p>

Referências bibliográficas

BRAGA-PINTO, César; MENDONÇA, Fátima. *João Albasini e as luzes de Nwandzengele*. Jornalismo e política em Moçambique 1908-1922. Alcance Editores, Maputo, 2014.

CASIMIRO, Isabel. Mulher, pesquisa, acção e mudança. In: SILVA, Teresa Cruz; COELHO, João Paulo Borges; SOUTO, Amélia Neves de. Como fazer ciências sociais e humanas em África: questões epistemológicas, metodológicas, teóricas e políticas, p. 211-226., Dakar, Codesria 2012.

CASIMIRO, Isabel. *Paz na terra, guerra em casa: feminismo e organizações de mulheres em Moçambique*. Recife, Editora da UFPE, 2014 (Série Brasil-África, Coleção Pesquisa, 1).

CASIMIRO, Isabel; CRUZ E SILVA, Teresa. Uma escola de conhecimento social: o CEA e as ciências sociais em Moçambique ou As ciências sociais em Moçambique: do colonial ao pós-colonial, passando pelo materialismo histórico. Entrevista concedida à Eliane Veras e Remo Mutzenberg, Maputo, 2011. (Transcrição)

COUTO, Mia. *A Espada e a Azagaia*. Editorial Caminho, Lisboa, 2016.

CRUZ E SILVA, Teresa. Aquino de Bragança e as reflexões e respostas sobre a produção do conhecimento e as ciências sociais em África: Moçambique, lições aprendidas, lições esquecidas? In: Cruz e Silva, Teresa; Borges Coelho, João Paulo; Souto, Amélia Neves. Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas. Dakar, CODESRIA, CLACSO, 2012.

HOUNTONDJI, Paulin. Investigação e extraverson: elementos para uma sociologia da ciência nos países da periferia. *Soronda*, n. 8, p. 107-118. Bissau, Jul. 1989.

MACAMO, Elísio Salvado. Relações entre o Brasil e a África: os desafios da produção dum conhecimento crítico. *Estudos de Sociologia*., v 2, n 15, 2009, p. 35 – 47.

MAMDANI, Mahmood; MKAMDAWIRE, Thandiko; WAMBA-DIA-WAMBA, Ernest. Movimentos sociais, mutações sociais e luta pela democracia em

África. In: CODESRIA. Ciências sociais em África: alguns projetos de investigação, p. 63-90., Dakar: Codesria 1992.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: Desconstruindo genealogias eurocêntricas. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan./abr. 2014.

MBEMBE, Achille. *On the postcolony* Los Angeles (CA): University of California Press, Berkeley, 2001.

MENDONÇA, Fátima. Em busca de uma identidade: literatura, nação e mestiçagem em Moçambique. Entrevista concedida à Eliane Veras, Lisboa, 2012. (Transcrição).

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. A construção intelectual da América Latina: Qual contra-hegemonia? In..., 2016, p. 213-237.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. Os “Estudos Culturais” como perspectiva teórica segundo Raymond Williams: os alicerces de um movimento intelectual. 40 Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2016.

MUTZENBERG, Remo. Conhecimento sobre ação coletiva e movimentos sociais: pontos para uma análise dos protestos sociais em África. *Revista Sociedade e Estado* - Volume 30 Número 2 Maio/Agosto 2015, p.415-447

MUTZENBERG, Remo; SOARES, Eliane Veras. Democratização, sociedade civil e cultura política: aproximações entre o Brasil e a África lusófona. *Estudos de Sociologia*, V. 15, n. 2, p. 49-68. Recife, Jul.-Dez. 2009.

NOA, Francisco. *Surget et Ambula*: literatura e (des)construção da nação. *Estudos de Sociologia*, vol. 2., n. 20, 2014. (Entrevista concedida a Eliane Veras e Remo Mutzenberg).

SAMO, Graça. Movimento de mulheres em Moçambique. Entrevista concedida a Remo Mutzenberg, Maputo, 2011. (Transcrição)

SOARES, Eliane Veras; ALVES, Aline Adelaide. Literatura e materialismo cultural: uma proposta de análise. *Revista Sociedade e Estado*, vol. 30, n. 2, Maio/Agosto, 2015, p. 371-388.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.